

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440-C.

Os Exploradores das Leis

Os capitais e os lucros — Audacias e honestidade — Como se enriquece depressa — As leis e a imprensa — Os distiladores de inquilinos

Como um ex-ministro da justiça — o senhor doutor Abranches Ferrão — viesse explicar a lei do inquilinato logo se formou uma sociedade para explorar os novos beneficios que o politico descobrira em uns paragrafos a favor dos senhorios ou antes dos compradores de predios.

Singular país em que se torna preciso explicar as leis feitas na vespera, intrepotá-las, traduzi-las tanto é má a lingua em que são escritas e tanto em confusão são vasadas!

Dizia-se, antigamente, que dos enganos comiam os escrivães; agora é das elucidacões que comem os esportos.

Logo que o ministro desenvolveu suas palavras em torno dos artigos e paragrafos houve um negocio a fazer e quatro cavalheiros reunidos formaram uma sociedade para explorar o novo veio que se lhes deparava. Se aparecia nova maneira de pôr na rua inquilinos, desde que se adquirissem predios, nada mais natural do que comprar, por preços razoaveis, alguns deles, expulsar violentamente os moradores e voltar a alugar a casa por quantias exageradas. O dinheiro para esta transacção não faltou; correu, copioso e basta, como sempre para as coisas mais ignaras.

Vivemos num país que tem minas para as explorar, industrias para criar, largas obras de fomento a resolver; onde ha capacidades, valores, honestidades em disponibilidade, em aflicções, em miserias até. Acerquem-se, estes elementos, dos homens de negocio e proponham-lhes a fundação duma vasta empresa grafica com todos os modernismos, a rebusca dum jazigo petrolífero ou sua exploração pelos métodos mais aperfeiçoados, a formação duma sociedade criadora de gados, a fundação de restaurantes economicos, ou de armazens colossais de vestuario, calçado

ou generos alimenticios. Encará-lo-hão desconfiadamente e ou lhe roubam a ideia e estragam-na ou exigem, logo, pelo seu capital, juros tão tiranicos que dá vontade de o guilhotinar, a ele, ao seu capital, já se vê.

Espertalhões de todos os jaezes proliferam; gente seria, mal caminha. Surgem os obstaculos para estes, abrem-se as facilidades para aqueles.

Uma vez, alguns engenheiros distintos e honestos quizeram lançar mão de determinada industria da qual poderiam advir-lhes lucros mas tambem um larguissimo desenvolvimento industrial, emprego de braços numerosos, um bem estar digno de ser ponderado. Corria a voz da existencia dum individuo riquissimo ao qual agradaria o plano magnificamente detalhado no papel, com seus calculos, escalas, relatorios, etc. Aprou-se o dia da entrevista; foram recebidos, os delegados, com gentilezas, num grande palacio, expuzeram as facilidades do negocio para o qual só precisavam dos capitais e escutaram, cheios de pasmo e de surpresa, a sua confissão cinica:

— Olhem, meus amigos; em Pòrtugal só ha duas coisas que me interessam, neste momento: a moagem e a batota. Tenho lucros certissimos; quanto mais dinheiro se desejar mais se tem e sem ralações. A moagem já conseguiu instalar-se de tal maneira no Estado que será muito dificil arrancá-la sem uma revolução; a batota hade existir toda a vida, numa terra onde tudo se lhe equipara. Para aí sim... Agora essas complicações bizarras de altos fornos, de vias ferreas, de minas, de oficinas... Ceus! Só a massada das greves... O operariado hoje quere tudo para ele... O capital não tem garantias... A grande coisa é um negocio onde não se corram riscos... Industria? Mas, meus caros, nós estamos numa terra onde ela não se adapta... Entrou em largas apreciações deste jaez, ofereceu-lhes um cálice de Porto e batendo nos hombros dos desapontados engenheiros, affiançou:

— Arranjem os senhores aí um bom sitio para uma casa de jogo e não falem a mais ninguem...

É assim que a maioria desse capitalismo, frutos aglomerados de negocios escuros, entende os problemas nacionaes e a associação com os que querem trabalhar. Um cofre forte, um charuto nos dentes, as garras afiadas, os olhos enviesados para todas as escorrencias de que possam fazer ceva.

A facilidade com que tem enriquecido os homens sem escrupulos, aqueles que menos se esperava pudessem conquistar fortuna e situação social, está claramente difenido e explicado naquele facto verdadeiro. Um homem limpo nunca propõe um negocio sujo. Como aqueles individuos só aceitam os desta laia, eis a razão do triunfo dos mariolas.

Às vezes um amigo detem-me a uma esquina e fala, largamente, dos enriquecidos; faz-me revelações sensacionais desde o metodo, já aqui explicado, porque o *Pernas de Sabão* se aguentou nos balanços dos seus automoveis até ás magnificencias de alguns cadastrados e eu julgo logo pelo meu modo que é ainda o do são criterio.

Acaso alguém enriquece em meia duzia de anos sendo util à colectividade? Quando digo «enriquecer», quero dizer «tornar-se milionario»; e afoutamente respondo: não. Como se tem feito imensas fortunas deste genero explica-o as palavras daquele grande rico e as negociatas constantes para cuja exploração se formam comanditas.

Ainda ha pouco, com a falsificação dos bilhetes de tesouro, sucedeu

acordarem entre si numa sociedade alguns dos mais habéis «pescadores» das aguas turvas nacionais.

Ligaram-se; viram o negocio; viraram-no e reviraram-no e encontraram logo capitalista. Quando ele se topa para falsificações, muito mais naturalmente se apanha para abertura de bordeis. Ha quem não hesite em os explorar e se dandine nos sitios concorridos como se praticasse o mais licito dos commercios e quando se retirar, com bem fornecidas malas de dinheiro, hade julgar-se tão honesto como se tivesse ganho a sua fortuna correndo riscos e perigos, sacrificando-se na lucta.

A menor pouca vergonha que se lorigue tem logo comanditarios e por isso julgo que o crime hoje vive numa séde social, com porteiros agaloados, *grooms* de espavento, telefones, electricidade e correspondencia isenta de selo, porque o acham muito moderno, muito atilado, um crime do seu tempo, do nosso tempo.

Porque é assim, a psicologia desta sociedade em que vivemos — ou por outra — que nos rodeia e esmaga — logo que o senhor Ferrão esclareceu a lei do inquilinato surgiram os socios para a empresa de vulto, de grande monta e agiram sem mais detenças. A imprensa indignou-se porque eles escorraçavam os inquilinos dum predio que tinham comprado, e faziam-no à sombra da garantia dum ministro contra o qual não se levantara nunca a mesma imprensa a manda-lo calar, a demoli-lo, a arrastalo, após as primeiras asneiras praticadas no exercicio do poder.

Actualmente anda outro projecto de lei do inquilinato em discussão no parlamento. Esse — diz-se — tem por fim equilibrar os direitos dos senhorios e dos inquilinos. Eu digo já, peremptoriamente, como se estivesse no Senado não deixaria de gritar: é impossivel!

A propriedade, enquanto existir uma sociedade constituída como a actual, tem as suas regalias. Tocarlhe é ferir de morte essa instituição. Um regimen que o pratique afasta-se das normas sociais; mergulha na revolução. Autorisa a que se faça o ataque baseado no espirito das suas leis. Quere o senador legislante equilibrar direitos de entidades antagonicas; dos que tem casas e não podem dispôr delas a seu talante e dos que não tem dinheiro para lhas pagar conforme exigem em nome do que lhes pertence? Impossivel. Hade existir neste conflito social da propriedade, como no de todos os privilegios, uma eterna lucta sem jamais se chegar a um accordo e, por isso, quando um velho politico aparece a falar de equilibrios procuro sempre saber o que o leva a tais frases rectoricas, inanes, desacreditadas.

O melhor seria voltar-se à mesma pratica antiga da lei, não explicar, não aclarar, não acrescentar — ouçam bem — não lhe bulir nem de leve porque as perturbações de toda a especie deste país veem dos legisladores mais dos que formam empresas para explorar as leis como se elas fossem adubo.

Qualquer dia a imprensa, que presentemente não discute o que se prepara, parangonará as suas paginas com um protesto veemente contra outra «comandita distiladora do inquilinato».

Os "Homens Livres"

A liberdade e o passado — O espirito de comediismo e a rebelião — Como se galga na existencia — Os revoltados e os submissos — Sauda-se os "homens livres."

Indiscretamente um dos leitores me pergunta se me considero um homem livre. Não levei muito tempo a cogitar na resposta: Cada vez ha menos homens livres.

O programa que tracei neste panfleto foi o dum franco atirador, à margem do meu partido, alem das suas trincheiras, na terra de ninguem, que em Portugal é a vala para onde se atiram os inimigos das oligarquias de toda a casta. Claramente tenho escrito meus pensamentos; preciosamente guardo as cartas de incitamentos de individuos de todos os partidos e de todos os credos, pelo que respeita ao combate à plutocracia dominante. No campo da politica não procurei agradar a uma facção.

Bati-me contra todas ou antes censurei-as, critiquei-as. Se um monarchico praticar um êrro, digo-o tão abertamente — e já o fiz aqui por mais de uma vez — como se êle fosse um demagogo. Dediquei paginas, em maior quantidade, aos humildes, porque o sou e da plebe venho; agitei, choquei, indiquei, apontei males e criminosos, enquanto não se apontam espingardas novamente, mas para o fim a que êste panfleto visa: o de reduzir as plutocracias e de as aniquillar.

Servirei assim o meu partido, mas se algum dos correligionarios me me quizesse calar, sentir-me-ia deslocado e não poderia estar mais nas trincheiras a seu lado. É certo — com muito orgulho o digo — que os monarchicos capazes de sonharem com uma trincheira pensam como eu. Para alem, para o vasto pragal dos ganhos ilicitos, baralha-se o inimigo comum dos realistas como dos comunistas, dos republicanos bem intencionados como dos catholicos. Está alem a fera que é preciso enjaular ou aniquillar. É o meu alvo, ouço, por vezes, perto de mim, algum tiroteio que dentro em pouco se cala, como se a besta tivesse domado a furia

do homem. Ha quem diga que lhe atira rolos de notas e sacas de farinha, lucros e luvas guardadas nas suas cavernas onde teem prisioneira a nação. Eu continuo no meu combate; renovo as afirmações do meu programa, espero morrer assim. Se é a isto que se chama um «homem livre», não posso negar que o sou, embora registre que cada vez existem menos.

A sociedade complicou-se de maneira a tornar-nos dependentes até de banalidades e quando no fundo dos seus gabinetes, o jornalista ou o panfletario lançam no papel as suas idéas, às vezes um simples aparo partido embarga-lhes a tarefa, e aqui fica o pobre do «homem livre» enca-deado a dois bicos tortos.

Suponhamos, porem, que encontra com que traçar suas palavras, desde a pena de pato arcaica até à modernissima maquina de escrever e, na sua qualidade de «homem livre», linda a tarefa, se põe a meditar no efeito a produzir no publico. Alguns camaradas tipografos, diante dos males da existencia, que o panfletario, o pensador não pode remediar, embora os sintam como eles, deliberam — em nome da sua vontade — cruzar os braços e eis as palavras do «homem livre», o pensamento, do «homem livre», o sentimento, quasi sempre rebelde, do «homem livre», sujeito às necessidades e às dôres daqueles proletarios, seus irmãos na revolta e que lha contrariam.

E assim é com tudo quanto nos rodeia actualmente na extravagante mecânica do nosso tempo, em que o homem não se basta a si proprio, tornado um tipo comedista, incapaz de se privar das cousas mais superfluas, querendo falar em nome de oprimidos, mas amando a sua peliça, procurando resgatar miseraveis mas não dispensando o Mœt Chandon, em dias de festa, a atmosfera tepida dos cafés de luxo, as conversações delicadas no canto dos salões, onde não se atreve a lançar a sua propaganda.

O ser moderno, o produto desta epoca, é dos mais estranhos que tem aparecido no mundo. Foi amassado em egoismo sordido: a revolução francesa tornou-o um ambicioso em vez de o fazer um fraterno. Apenas ficaram dessa tormenta, mergulhadas em terror, três idéas. Liberdade, Igualdade, Fraternidade? Oh! não. O arrivismo formidavel de Bonaparte, as fortunas colossais dos intendentes dos antigos nobres, as quebras de todos os liames religiosos e tradicionais. O homem sem preconceitos safu do casulo da rebeldia, e, na hora em que viu a rapidez com que se empobrecia e se enriquecia, se caía do trono na guilhotina e se galgava dum posto de tenente de artilharia para um dominio imperial, os respeitos foram tão aparentes como os escrúpulos.

Espicaçado pela possibilidade de chegar onde os seus avós jámais se poderiam aventurar, esse homem — o Cidadão — tornou-se o peor inimigo do seu parceiro, no qual viu o rival. Na baralha das classes, nas ascen-

ções rápidas, nas larguesas dos sonhos, aqueles que se diziam libertos pela revolta tornaram-se mais escravos uns dos outros e a sua dignidade enrodilhou-se diante dos cofres fortes. Outrora era o senhor nobre o arbitro dum destino, era o rei que corrigia os maus passos de seus ministros, quando não se lhe entregava manietado, mas agora é o acaso ou crime — mais o crime do que o acaso — que impõe a gente das plutocracias. Diante deles — dêsses vencedores — todos, ou quasi todos, se dobram, se curvam, embora tenham vindo dum comicio onde proclamaram a igualdade humana.

A república portuguesa é o caldo de cultura onde vivem e se multiplicam o maior numero dêstes bacilos. Homens livres? Da boca para fora ha quem tal se apregõe; com a mão na consciencia raros poderão dizer que o são. Raros? Quasi nenhns, porque embora não queiramos subordinar-nos, é a propria vida que nos junge, nos manieta, se encarrega de nos mostrar como — pobres de nós — a mais pequena parcela dos nossos seres está presa a cousas de que não suspeitamos e de choire nos aparecem na mais cruel evidencia.

Quando se vivia dentro das classes e se sabia que só por um dote de genio ou por uma aura bem conquistada se poderia chegar alem do que o nascimento lhes concedera, os homens eram mais livres. Parecerá isto um paradoxo, mas a liberdade está mais proxima da ordem que de balburdia e nas sociedades modernas todos se atropelam para galgar ao que outrora era defeso aos incompetentes, aos banais, aos aventureiros. Um mosqueteiro morria ao canto duma rua, à luz do luar, para disputar um lenço de rendas, mas não guerreava um Estado, e, quando um capricho ou um favor real erguia a gente sem talentos, era todo o Estado que trambulhava. São mais raros na velha historia os tipos desta casta que os de valia indiscutivel. Agora todos se julgam aptos para o mando. A facilidade e os processos são tentadores. Os individuos armam-se para as conquistas do dinheiro ou do poder com a subserviencia, com a maldade, com o egoismo; arrastam a sua pesada artilharia de assalto, esmagando até as mais elementares noções de honra e de brio, fazem o seu avanço impelidos pelas maquinas forjadas de arteirismos e de miserias morais e cada dia mais se escravizam desde que a revolução francesa lhes falou de liberdade sem lhes garantir o pão, lhes atirou a igualdade com o pêso dos ladrões que roubaram os velhos castelos, criando o novo rico brutal em substituição das raças apuradas atravez os seculos, lhes revelou a fraternidade, enquanto irmãos se batiam contra irmãos.

Homens livres! Quasi não existem no planeta que habitamos; no mundo antigo raros eram tambem, apesar de ser mais facil tomar por habitação uma pipa vasia, diogenica, vestir uma tunica rota e exprimir o seu pensamento num velho pergaminho, que o proprio autor poderia copiar sem depender dos obreiros. Homens livres? Mas passe a mais

simples contrariedade num espirito e eis o triunfador prêso a ela; mas deparem-se uns olhos formosos e eis o ideologo vencido; mas surja um vencedor ousado e eis o filosofo retraído, amedrontado, quando não submisso. Homens livres? Sempre tenho visto subordinações e pavores, comodidades e egoismos desde que me entendo e nos períodos do novo regimen, os quais tenho analisado de bem perto — pobre de mim que nessa travessia derreti farrapos de carne e de alma, arrancados pelos que não me valiam! — teem passado junto de mim imensas rebeldias de galochas que duram só o tempo de as trocarem por botas de polimento rangedoras. Homens livres! Ia dizer que tinham sido aqueles monges que, no fundo das suas grutas, ajoelhados diante duma caveira e duma cruzinha, davam de comer às aves nas conchas das suas mãos santificadas. E todavia... não. Pouco precisavam para alimento do corpo e dependia de si proprios a sua colheita, mas estavam mergulhados num aneio incessivel, numa ambição desmedida: a do céu!

Homens livres! Li que alguns dos que assim se intitulam surgem no combate, armados como para uma revista e com sentimentos nobres, segurando uma bandeira, onde está o seu lema contrario às plutocracias. São mais soldados. Da minha trincheira os saúdo tanto quanto se pode alargar um simpatico gesto numa sociedade em que o homem é cada vez menos livre.

O Patriarca dos anarquistas

Uma singela figura de rebelde—O libertario decorador de palacios reais—O asceta da revolta—Quem era o velho Avila—O pão e o anarquista

Não sei porquê, essa figura romantica, com seu chapéu à Cipriani, sua cabeleira larga, como as dos artistas da velha escola, sempre sem nodoas em seu fato coçado, a roupa limpa, o laço da gravata num geito repuxado, me deu sempre a impressão dum asceta.

Talvez porque imaginasse que, nascido em outras idades, numa rumorosa mocidade, onde se batalhasse por uma religião, a evocasse, sacrificando-lhe tudo, não dando um passo fóra do seu ideal, praticando, através das peores amarguras, o que julgasse ser o seu dever, não querendo desmerecer do credo para poder em sua razão, comungar. Se tivesse vivido no periodo das lutas cristãs, este anarquista — pois é dum libertario que se trata — teria ido, sem gemidos, das catacumbas para os ergastulos e dos bestiarios para as arenas. Mais tarde, depois do triunfo da Igreja, ele pertenceria ao escol daqueles ermitões que, metidos em suas lapas serrenhas, com uma cruz e um evangelho, renunciavam ao contacto do mundo para não sentirem a sua doce e suave aspiração manchada. Sós, no canto onde Deus os via, para Ele enviavam as suas almas puras.

Numa sociedade de descrença, esse insular de 70 anos — Antonio José de Avila — como o duque do título e açoriano como ele — ligara-se — mas firmemente — como um carvalho à terra — a uma religião de humanidade. Antes de Tolstói ter escrito as suas cristianissimas produções, já o Avila — o patriarca do anarquismo em Portugal — as praticava e espalhava num instinto de entrelaçamento do que as suas idéas substanciavam e do que a sua alma boa — profundamente boa — pedia.

Quando se fala dum anarquista imagina-se a barbaça intonsa, uns olhos fusilantes, mãos nas algibeiras segurando as bombas, deixando sob os seus passos a desolação e a morte, e mal se comprehende a existencia dum repousado, doce e calmo, embebido nas suas leituras e esperando um mundo melhor, pretendendo criá-lo nos menores actos que pratica.

Tenho visto variadas figuras servindo a mesma causa: os atribiliarios, os violentos, os furiosos, os da ancia do sangue uns, outros de ternura, de bondade, de carinho, erguendo o seu sonho.

O velho Avila era dos ultimos; o Araujo Pereira é um Avila moço, Pintor decorador, de seu mister, o insular anarquista tinha o ar delicado

e as tendencias de boa companhia; rodeado por uma legião de revoltados, a qual precedera, jámais soltava uma imprecação, dizia uma má palavra ou gritava nas mesas dos cafés. Guardava o seu pensamento e a sua linha; não era um energumeno e julgo que nunca tocou num explosivo.

Entrara nos palacios reais, ajudara a pintar as salas das Necessidades, da Ajuda, de Cintra e no alto do seu cavalete, a cabeleira, então negra, sobre a gola da sua blusa de trabalho, ele entregou-se à faina e homem de idéas avançadas, esperando dum vulcão social a redenção dos humildes, Antonio José de Avila viu passar os reis, os principes, as rainhas pelos corredores, pelos salões, nos quais deixava as marcas da sua arte, e jámais levantou para eles o braço armado. Ser-lhe-ia facil. Anarquista de suas idéas e pintor de sua profissão, conhecido por sua maestria e por seus principios, embelezava as residencias soberanas quando, no fundo, as detestava, as queria aniquiladas, findas no que representavam de privilegio com esses seres de excepção. É que considerava os reis como homens e lhes dava um lugar, não nos seus panteons, mortos violentamente, mas na mesa igualitaria, em tórno da qual ambicionava vêr uma humanidade feliz.

Os idealistas são assim; dentro de seus peitos erguem-se altares, são tocados pelo misticismo duma aspiração, como os santos pela ancia da divindade. No fim ambos se encaminham para o bem. Luiza Michel, que durante anos, apenas foi vista como uma incendiaria — pobre dela — como uma doida, vermelha de olhos, furibunda de rapinas, e agora claramente, à face da historia, é uma exaggerada de gestos, no fundo, cheia duma bondade digna da aureola. Jámais ouviu falar duma infelicidade que não a tentasse socorrer e a duquesa de Usès encontrou, mais de uma vez, a Virgem Vermelha ao lado das cabeceiras dos pobres que era chamada a socorrer. A bordo do navio que a levava para a Cayena, depois da Comuna, quando as grandes desditas surgiam, ela, no meio dos desgraçados guardava uma serenidade e uma isenção só igual à das irmãs da caridade, que a ajudavam nos seus carinhos socorros aos mais infelizes. E no fim, sem se saudarem, depois de terem tocado no mesmo e roçado os dedos nos pensos, nos balsamos, nos remedios, as religiosas voltavam às suas orações e Luiza à sua revolta.

Pois o velho Avila era assim um pouco. A rebelião afloráva-lhe aos labios, golfava-lhe do intimo, jamais deixou de se misturar ao que julgasse necessario para a vitoria do seu ideal e, ao cabo disso, tolerante e bondoso, sincero e magnifico em sua juba nevada, estendia a mão honrada — e tão honrada que nem esmolar sabia — aos seus adversarios e contava-lhes as suas impressões como numa sala, fugindo de tratar da anarquia, não querendo molestar os que considerava inimigos de seu sentir, homens mergulhados no erro, seres inferiores, doutra mentalidade, doutros interesses.

Fôra intimo de Fontana, conhecera Antero e operario, embora especial, agradava nos meios intellectuais por sua sinceridade e por sua fé, por sua delicadeza e por sua correção. Antes de o conhecer, jamais vira libertarios assim. Sabia dos intellectuais engravatados, dos proletarios bem falantes, dos jornalistas da Idea com suas febricitantes palavras, dos sonhadores dum mundo bem diferente com os quaes discutia, emparelhava e fantasiava. Mas assim, tão cheio de gentileza, dum especial encanto, com uma ternura de ancestro nos olhos calmos, só vi aquele Avila; o asceta da anarquia. Uma vez, encontrei-o na descida da rampa do Limoeiro. Ia com

o Vicente entalhador, o mestre Vicente da Bica, artista de especial talento, com sua barbaça, sua Lavalière, sua agitação de proselito.

Era no tempo em que, atrás das grades da cadeia, estavam presos alguns operários ás ordens da republica que tinham ajudado a fundar. Entre eles encontrava-se José Maria Gonçalves, outro adepto fervoroso das ideas avançadas, tipografo educado e consciente.

Eu escrevera nas *Novidades* um artigo em que narrava um desfile silencioso de tres mil homens diante das grades voltados para as paredes do edificio em cujas frestas os camaradas espreitavam. Nem um berro, nem um grito, nem um soluço, apenas os olhos da legião proletariana verrumando os carceres, apenas um outro lenço acenando numa homenagem aos encarcerados. No fim, era como um esvoaçar de pombas; trez mil mãos agitavam trez mil lenços e apenas se ouvia o ruido cavernoso dos passos desse exercito sem armas fazendo a sua parada.

O velho Avila recordava esse cortejo de simplicidade e de energia ao mesmo tempo; relembrava o artigo, parava na volta do edificio e contava-me, como se o tivesse visto, o fuzilamento dos comunistas em 70 contra os muros do Péro Lachaise em Paris; tremiam-lhe os labios, esbranquiçavam-se-lhe as faces, as suas mãos moviam-se como a chamarem as coleras contra os soldados republicanos que tinham assassinado, os que ele dizia, seus irmãos, e nos olhos do velho fusilava um intenso brilho e nas suas palavras chumbava-se uma acentuação prophetica. O Vicente olhava-o enternecido; eu calava-me, fixava bem esse singular tipo de rebelde que nascera num berço humilde, aformoseara palacios e iria morrer ao hospital querido não pelo carinho duma familia que não tinha, mas duma outra que criara, da qual fôra o patriarca.

Nos meios onde um *tu* é mais carinhoso e brota facilmente dos labios foi sempre: o senhor Avila ou o amigo Avila. Para a massa operaria era: o velho Avila. A' sua volta havia respeito mesmo dos incapazes de o compreender. Ele passava como um sonhador mergulhado em miseria e a miseria sorria ao sonhador.

Naquele dia, Avila acabara de falar; baixara a vista; parecia vêr ainda o massacre do muro dos federados, e, de repente, baixou-se, agarrou qualquer coisa, foi pô-la muito direitinha num poial.

«Era um bocadinho de pão... O pão nunca se deve pisar...»

E' certo. E' bem melhor do que arrancá-lo ás bocas dos outros.

Os mutilados de guerra e os das revoltas

Os feitos da Rotunda e da Flandres — Diversas opiniões sobre subsidios — Os revolucionarios civis e os soldados — Equiparações singulares — Como se resolve o assunto ?

Agitadamente um deputado falou das recompensas dos revolucionarios civis, ás suas vidas de sacrificio e que desejam lançar em negras desditas expulsando-os das repartições. Ao mesmo tempo reuniam-se num teatro da Graça os mutilados de guerra para os quais se pedem garantias eguais ás dos homens da Rotunda e do 14 de maio.

E' preciso definir os dois campos e os dois sacrificios. Os revolucionarios da Rotunda bateram-se durante horas contra tropas quasi inertes, arriscaram as suas vidas por um principio, mas — o Americo de Oliveira, que os chefiou, o diz — eram uma centena, quando muito, ao começo; metade disto no fim, não porque morressem, mas porque se eliminaram pelo natural caminho que levaram alguns dos seus caudilhos. Todavia ha uns quatrocentos «herois» e considerados benemeritos da patria umas duas duzias. Passaram-se atestados de revolucionarios civis como se quizessem diminuir o valor da falange reduzida que vencera. E quem fez isto? Machado Santos. Porquê? Por bondade; para acudir aos rapazes. Porque não podia deixar de fazer tudo quanto lhe pediam.

Equivaleu, logo, a uma carta de curso esse documento e quem o não possuia julgava-se mau republicano. O Americo de Oliveira nunca tirou a certidão. No 14 de maio ainda foi peor e de tumulto em tumulto, de barulho em barulho, de chacina em chacina, aumentaram sempre esses seres áparte, besuntados de gloriola e de terror que não fizeram cousa de vulto — porque matar sem perigo é cobardia — e se exibem como dignos da gratidão nacional.

Nunca em país algum se deram tais fóros. Os veteranos da liberdade eram militares e os Mil de Garibaldi tinham honra em se dizerem de suas falanges mas não lucravam proventos.

Mas emfim; houve vítimas, alguns feridos, alguns mutilados e deve-se assistencia não só aos que se bateram pela republica, mas tambem aos contrarios. Nunca se fez isto. Criou-se um subsidio apenas para os do lado dos vencedores e de quando em quando, aumenta-se-lhes, e muito bem, a verba, visto que estão inutilisados e a vida encareceu em demasia.

O que, porém, não pode caber em minha consciencia é querer equiparar soldados mutilados da grande guerra a revolucionarios de bombas das ruas de Lisboa. É um vexame para o exercito glorificar quem se bateu na Flandres e na Africa, se arruinou, se sacrificou pela patria exactamente como aos que andaram pelas esquinas da cidade atirando os seus explosivos e tornando-se até, em grande parte, vítimas deles.

Combater pela nação é uma cousa bem diferente do que combater por um partido e as luctas deste país, desde ha uns anos, apenas isso significam. Uns — os soldados — marcharam porque assim se afigurou necessario ao prestigio da nação; deixaram as suas aldeias e foram para terra extranha defrontar-se com inimigos que jamais tinham visto, que eram os apontados como taes, numa publicidade retumbante, atravez da Europa e da America. Os outros — os revolucionarios civis — apareceram contando com alguns soldados, metendo-se nos seus ambitos de operações, esperando sempre que durasse pouco o tumulto e arvorando, depois, num ássomo vaidoso, as suas carabinas, falando das suas proezas e cobrando os dinheiros do Estado com os subsidios de suas categorias. Aos militares mutilados na guerra é, ás vezes, precisa a assistencia de seus antigos officiais e quando sobem os protestos mais violentos, quando se diz que uma nação não pode assim esquecer os que deram o seu sangue no campo de batalha, pretendem equipara-los aos revolucionarios civis feridos pelas balas ou por algum explosivo.

Desta maneira comparam as ruas de Lisboa e arrabaldes aos vastos plainos da França, à Africa, à Flandres e consideram tão espinhosa a missão de quem ali se bateu como a de quem andou a tirotear nas avenidas da capital.

Se é assim, nalgum dia quando mandarem marchar o exercito contra o inimigo, ele, naturalmente, preferirá ir para a Rotunda, assistindo-lhe mais do que em razão simples a mais logica de todas.

As revoluções necessárias

O belo passo do senhor presidente da república — Um programa de governo — Os dominadores dos mercados e do mercado — A revolta e suas modalidades — Porque não se tenta a junção dos programas mínimos?

Não sei se pertenceu ao numero das revoluções a que se pretendeu fazer deflagar ha dias; sei apenas que o senhor presidente da republica digna e ousadamente se portou, decerto, em ir averiguar diante dos rebeldes se aquele movimento pertencia ao numero das etiquetadas naquela designação por sua excelencia.

Tampouco quero saber se foi ou não constitucional o acto de ir ao quartel de marinha que o seu presidente de conselho lhe dizia revoltado. Foi de valentia e nós, os portugueses — embora saibamos que por essas afirmações de coragem morreram algumas das grandes personalidades da nossa historia — não podemos ficar insensíveis a passos como os que o sr. Teixeira Gomes deu, nessa noite.

Era necessario vincar este traço para abertamente entrar no assunto, que devemos ponderar e muito, diante de mais esse arranco contra um governo. Continúo a ignorar se estivemos diante duma revolução necessaria ou se apenas dum acto politico ambicioso, do poder pelo poder. Um acto daqueles poderia encontrar os aplausos dos que pensam abertamente numa mudança de processos governativos; o outro só toparia repulsa, pois que tanto faz ao país um ministerio como outro, visto os processos de governar serem identicos.

Revolução necessaria — aquela em que até é escusado dar tiros — é a que nos libertar. Imaginar-se-ha que desejo mais liberdade num meio em que impera o atrevimento, que ambiciona a hemorragia onde já ha a soltura. Não. O que chamo libertação é o seguinte: a possibilidade de viver sem receios constantes de desequilibrios e com algum pão em conta. O libertador não é o que parlamentarmente nos fala das nossas glorias nem dos herois modernos e antigos, mas o que nos puzer

o pão ao alcance das bôcas; não é o que nos mostrar a Europa a delirar diante da republica, mas o que nos der batatas baratas. Nestes generos alimenticios e nos outros está um programa revolucionario; a obra para um dictador saído da revolta ou nomeado pela força publica, mandando com poderes do país ou estando ao lado do chefe da nação como Mussolini ou como Primo de Rivera.

Talvez não sejam estes os tipos de politicos que desejo para Portugal, mas o que indubitavelmente deve surgir é quem modifique as condições da vida portuguesa, com menos desordem e mais alimento, com menos «civismo» e mais habitações. Claro que estas cousas dependem da ordem, e, para a manter, é indispensavel confiar na força, no exercito, na guarda, na policia, na marinha, tais como estão ou com algumas variantes; de seguida chamar a capitulo os factores da desordem, os de cima, dos quais são uma consequência aqueles a que, pomposamente, se chama agitadores. Agitadores são todos os que querem uma mais equitativa forma social, são os que, vendo os lucros fabulosos dos que fabricam o pão, dos que negociam na carne, no dinheiro, nos artigos do toda a especie, sentem que, para os obter, não ha trabalho que chegue. Agitadores são os que pedem aos governos a chamada de todos os exploradores, averiguem do fim das suas aventuras, pedindo-lhes que as terminem e reponham em beneficio do país alguns dos seus lucros inconfessaveis. Se eles se decidirem a este acto humano, modificar-se-ha rapidamente tanto a carestia como a situação monetaria. A Argentina, exigindo aos monopolisadores do salitre — sob a espada de Sebastião Metre — a entrega ao tesouro publico dos seus excessivos ganhos, *por processos suaves e legais*, resolveu a grande crise que a assoberbava em 1888, tornando irrisorio nas Bolsas o valor do seu papel.

Quando não se pode realizar suavemente um programa indispensavel, ha outras maneiras de o afirmar e fazer valer. É uma cousa semelhante ao acto argentino, o que pedem os considerados agitadores, entre os quais me encontro, como um trabalhador espoliado e ferido nas suas idéas de justiça pelo esmagamento da plutocracia que nos arruinou. No tempo da monarquia o comerciante contentava-se com um vago lucro; hoje os dominadores da praça fazem «fortunas vertiginosas».

Carece-se de travar-lhes a furia e só quando isso se fizer, haverá autoridade para o resto, que é o mais facil. Nas camadas baixas da sociedade fermenta tambem a exploração, num alarde, num insulto. A gente dos mercados, desde o fornecedor por grosso à vendedeira das ruas, rouba, e, entre os do alto, soberbos em seus automoveis e os de baixo, pompeantes com seus grilhões, arrecadas e correntes de ouro, vamos sendo espremidos, enquanto os governos discutem formulas liberais ou reacionarias, tratam de bisantinismos e de etiquetas, deixando-nos à fome. Regularizado o equilibrio destas duas explorações, aquietar-se-hão os animos,

acabará o mal-estar, tratar-se-ha do resto. E o resto é trabalhar muito e sempre, com as garantias de que não se é abandonado ao cabo do esforço, esmagado pelo proprio poder ou surpreendido por desordeiros do acaso no melhor da tarefa construtiva e util. Depois, só ficarão revolucionarios os idealistas. A atmosfera não será propicia a arrancadas. A evolução resolverá o que as revoluções fazem brutalmente.

Para que aquele acto salvador se pudesse realizar, bastava que o senhor presidente da republica — que sente, como eu, a existencia de revoluções necessarias — chamasse a Belem, em dias diferentes, e espachados até, representantes de varias correntes e lhes pedisse os seus programas minimos. Os sindicalistas e os radicais, os catolicos e os democraticos, os comunistas e os monarouicos, os nacionalistas e os socialistas, as varias tonalidades dêstes politicos dariam, em seu sumatorio, a mesma cousa, porque todas elas, eu sei-o, concordam em absoluto com as bases do que expuz, embora cada um o deseje fazer por processos diferentes. É a esses processos que se chama revoluções. Pois se ha maneira de se chegar a isso, bem pacificamente, com a simples interferencia dum homem, dum chefe de Estado, reunindo os politicos, para que se ha de violentamente obter a forma de o realizar? E quando não ha o desejo de se caminhar para o que a maioria da nação pede, por parte de quem a dirige? A revolução surge.

Seria pois bem melhor um entendimento entre todas as facções, a apresentação dos seus programas minimos e das suas reivindicações, e, depois, em nome da patria que uns exploram e onde outros sofrem e da humanidade, por que todos devemos pugnar, experimentar esse governo de salvação, na sombra dum parlamento equilibrado, para não haver predominios, ou na sancção comum duma dictadura consentida, porque todos os partidos dela participariam. É possivel que o senhor Teixeira Gomes ache esta «revolução» necessaria, isto para se salvar de ser inevitavel a verdadeira e terrivel revolução.

A 2.^a Serie dos "FANTOCHES"

A começar em 5 de Janeiro

É quando completa um ano este panfleto, que tanto tem agradado, e apresentar-se-hão algumas modificações interessantes. Além da critica aos

Factos da Semana

publicará nalguns numeros

Revelações sensacionais sobre varios acontecimentos do nosso tempo

como por exemplo:

OS BASTIDORES DE 14 DE MAIO—MACHADO SANTOS, INTIMO—PORQUE FOI MORTO ANTONIO GRANJO?—O ASSASSINO DE JOÃO DE FREITAS—O HOMEM QUE A RAINHA FIXOU NO DIA DO REGICIDIO—CONSPIRADORES MONARQUICOS DIRIGENTES DA REPUBLICA—OS DOS NEGOCIOS ESCUROS—COMO SE ASSALTOU O MUSEU DA REVOLUÇÃO—OS HEROIS DA RUA—COMO SE GUARDOU O CADAVER DE SIDONIO, o que constitui trechos de *Memorias Historicas, Reminiscencias de Conversas, NOTAS SOBRE ALGUMAS SINGULARES PERSONAGENS, ETC.*

Não perderá esta publicação a sua característica, não falhará ao fim para que foi criada, constituirá um album ousado de critica contundente, amarga, aos acontecimentos, com algumas cousas curiosas a revelar ao leitor aquilo, as quais nem sempre se podem intercalar nas memorias que o autor decidiu escrever e das quais já estão publicadas:

D. MANUEL II—SIDONIO PAIS—MONARQUIA DO NORTE—JOÃO FRANCO E O SEU TEMPO (em publicação no ABC)—faltando a MARÉ DE SANGUE (o 19 de Outubro)—a PRIMEIRA INCURSÃO e um livro de maior tomo, com documentos ineditos, sobre

El-Rei D. Carlos

mas o que se inserirá nos *Fantoches*, sempre que seja possivel, serão as esquirolas de outras analises que não podem ficar perdidas. Quando os acontecimentos da semana o permitirem, elas serão publicadas.

Está aberta a assinatura para a 2.^a Serie dos

Fantoches

e, com a proxima finalisação da primeira, enviamos os mais penhorantes agradecimentos aos leitores, que tão dedicadamente nos tem acompanhado, aconselhado e seguido.

